

Sobre a memória social dos “Anos Dourados”: Fusca, Copa do Mundo, Bossa Nova e Miss Brasil

Aline Passeri Dias
Felipe Jardim da Silva
Rosana Ferreira Chalegre
Celso Pereira de Sá
Rafael Pecly Wolter

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Resumo: O presente artigo trata de uma pesquisa sobre a memória social dos anos 1950, conhecidos como os “Anos Dourados”, na qual se focalizam especificamente: a fabricação do Fusca, primeiro modelo da fábrica Volkswagen no país; a conquista da primeira Copa do Mundo pelo Brasil; o advento da Bossa Nova; e os concursos de Miss Brasil. A fundamentação teórica consiste numa perspectiva psicossocial da memória envolvendo a articulação de contribuições psicológicas, sociológicas e históricas. A coleta dos dados foi feita por meio da aplicação de um questionário a 450 moradores do Rio de Janeiro, distribuídos entre três estratos etários: idosos, adultos e jovens. Na análise dos dados, compararam-se as frequências das respostas produzidas pelos três grupos de participantes para cada uma das questões. Os resultados evidenciam importantes diferenças entre as memórias dos distintos conjuntos geracionais, que são satisfatoriamente explicadas pelos princípios teóricos acerca da construção social da memória.

Palavras-chave: memória social; memória coletiva; história; música popular brasileira; práticas.

Introdução

O presente trabalho faz parte de um projeto mais abrangente sobre a memória social dos fatos históricos mais importantes da década de 1950 no Brasil. A rigor, o auspicioso clima político, econômico e cultural, que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, caracterizou, segundo Hobsbawm (2004), os anos 1950 em boa parte do mundo, os quais, por isso mesmo, puderam ser retrospectivamente sintetizados sob o rótulo de “Anos Dourados”. No Brasil, esse período apresentou um caráter inteiramente diverso tanto daquele que o antecedeu, a Era Vargas, quanto daquele que o seguiu, o regime militar, em termos de normalidade democrática, e guarda uma relevância intrínseca, pelo interregno que representou de confiança e otimismo generalizado quanto ao futuro do país por parte dos seus cidadãos.

Os Anos Dourados brasileiros presenciaram a realização de projetos ousados, como o desenvolvimento da indústria automobilística, do qual emergiu como símbolo a fabricação do Fusca, e a construção da nova capital, Brasília, no governo de Juscelino Kubitschek. Em termos culturais, foi também nesse período que surgiu a Bossa Nova na música popular brasileira, e, recuperando o orgulho nacional ferido em 1950, o Brasil se tornou pela primeira vez, em 1958, campeão mundial de futebol. Foi ainda uma época de culto à beleza

e ao *glamour*, dentre cujas manifestações mais populares estavam os concursos de Miss Brasil e Miss Universo.

Esta pesquisa sobre os Anos Dourados incidiu sobre essas dimensões e, tendo sido conduzida durante o período de 2008 a 2009, beneficiou-se das iniciativas de comemoração dos cinquentenários da inauguração de Brasília, do advento da Bossa Nova, da conquista da primeira Copa do Mundo, e assim por diante. Na perspectiva psicossocial, tais comemorações, pela repercussão midiática que ensejam, funcionam como importantes fatores sociais contemporâneos na “atualização da memória social” (SÁ; VALA, 2000).

As memórias do governo de Juscelino Kubitschek e da construção de Brasília serão focalizadas em outros relatos. Neste artigo, após a explicitação da fundamentação teórica e do método utilizado na pesquisa, são apresentados e discutidos os resultados relativos ao Fusca, à Copa do Mundo de 1958, à Bossa Nova e aos concursos de Miss Brasil dos anos 1950.

A fundamentação conceitual e teórica que informou a elaboração do projeto de pesquisa, bem como, conseqüentemente, a interpretação dos seus resultados, consistiu no sistema de análise psicossocial da memória proposto por Sá (2005, 2007a, 2007b, 2008, 2009, 2011), cujas origens se encontram em distintos autores, como Halbwachs (1994, 1997), Bartlett (1995), Bosi (1979), Namer (1987, 2000), Le Goff (1988), Fentress e Wickham (1992), Nora (1992), Jodelet (1992), Connerton (1993), Ricoeur (1998) e Jedlowski (2000, 2001). As principais proposições são a seguir apresentadas.

Como resultado da seleção, exploração e articulação de contribuições teórico-conceituais de diferentes origens disciplinares, com ênfase nas perspectivas pioneiras de Halbwachs (1994, 1997) e Bartlett (1995), estabeleceram-se três orientações para a caracterização do domínio de estudos psicossociais da memória: 1. uso da “memória social” como “expressão guarda-chuva”, para designar o inteiro conjunto dos fenômenos psicossociais da memória; 2. definição de cinco princípios unificadores do campo da memória social, da forma como se acredita que o psicólogo social deva vê-lo; 3. mapeamento do campo nas sete diferentes instâncias da memória com as quais se acredita que o psicólogo social deva lidar.

Quanto à primeira orientação, considerou-se que, se um domínio de fenômenos ou de estudos existe, ele deve ser identificado por alguma designação genérica e abrangente. Tal escolha recaiu sobre a expressão “memória social”, porque ela já vem recebendo essa preferência na literatura sobre a memória em sociedade. Falar de memória social significa falar de diversas coisas, não muito diferentes entre si, mas, até certo ponto, distinguíveis.

Em termos da segunda orientação, foram selecionados, a partir de variadas fontes, cinco princípios que parecem capazes de unificar o campo de estudo psicossocial da memória, os quais podem ser descritos da seguinte forma: 1. a memória tem um caráter socialmente construtivo, não sendo uma mera reprodução das experiências individuais passadas; 2. são as pessoas que se lembram e se esquecem, embora o conteúdo e a forma do que se lembram e se esquecem sejam determinados pela sociedade, pela cultura e, em especial, pela linguagem; 3. a construção da memória não se produz senão pela interação e comunicação sociais; 4. lembranças e pensamentos estão sempre e intrinsecamente as-

sociados nos fenômenos de memória social; 5. motivação, afeto e sentimento desempenham um papel importante na construção da memória social.

A terceira orientação consistiu num mapeamento conceitual das “memórias da memória social” (SÁ, 2005). Tomando-se denominações clássicas e outras emergentes – e mantendo, alterando ou adaptando os seus sentidos originais –, foram descritas inicialmente três principais instâncias específicas da memória social, a saber: as “memórias pessoais”, que têm como referência básica o passado da própria pessoa que se lembra; as “memórias comuns”, que são o conjunto das lembranças de muitas pessoas, não necessariamente reunidas, acerca de eventos que elas tenham, de uma forma ou outra – pela mídia, por exemplo –, presenciado em comum; as “memórias coletivas”, que resultam da elaboração cognitiva do significado e das características descritivas de eventos ou de épocas passadas pelos membros de um dado grupo social. Embora as memórias pessoais e as comuns possam se transformar em memórias coletivas, essas três instâncias constituem categorias mutuamente excludentes e correspondem à matéria-prima da construção das demais classes de fenômenos psicossociais da memória.

Incorporaram-se, em seguida, ao mapa três outras instâncias, que não cumprem os requisitos estritos de uma taxonomia, mas consubstanciam campos relevantes de estudo da memória. Trata-se das “memórias históricas”, que têm por objeto fatos, processos ou períodos históricos, ou ainda a própria história, em duas modalidades, a saber: as “memórias históricas documentais”, que mobilizam alguma forma de registro deixado pelo passado; e as “memórias históricas orais”, que se valem apenas de recursos internos, como a fala interativa e a rememoração privada; às quais se acrescentam as “memórias públicas”, que envolvem a exploração do passado histórico nas discussões políticas contemporâneas que caracterizam a “esfera pública”. Impuseram-se ainda à consideração, sem se incluírem em nenhum dos blocos mencionados, aquelas designadas como “memórias práticas”, que correspondem às experiências passadas que não se encontram inscritas em documentos ou em práticas narrativas, mas estão sim incorporadas às próprias pessoas, manifestando-se nas disciplinas corporais, nas *performances* ou nos rituais.

Acolheram-se ainda, no sistema, algumas contribuições do âmbito da psicologia cognitiva que, embora não reivindicuem o rótulo de psicologia social, são de fato psicossociais, pelas implicações do método observacional, ecológico, naturalístico que utilizam (NEISSER, 1996). Nesse sentido, explorou-se a perspectiva da pesquisa *ex post facto* pela qual se tem evidenciado a existência de um período etário crítico de melhor retenção de fatos históricos presenciados (CONWAY, 1995; PENNEBAKER; BASANICK, 1998). Em continuidade à exploração da hipótese da “idade crítica”, passou-se a dar atenção à consideração das diferentes memórias geracionais que se fazem presentes na memória histórica de uma dada população (SÁ, 2009; SÁ et al., 2008).

No que se refere à pesquisa dos Anos Dourados, as memórias históricas que se procurou identificar e descrever são entendidas como constituídas pelas memórias coletivas (elaboradas no âmbito de grupos sociais), pelas memórias comuns (devidas ao testemunho dos mesmos fatos e informações por um número de pessoas, sem elaboração grupal posterior) e pelas memórias pessoais (referidas ao passado de cada um) construídas pelos membros de diferentes coortes geracionais, a partir das vivências próprias a cada coorte

e com apoio documental (livros, manuais escolares, jornais, filmes, televisão etc.) diversificado em função dos níveis de escolaridade e das orientações políticas.

Método

A pesquisa (aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob o Protocolo nº 007.3.2009) contou com 450 moradores das diferentes zonas urbanas do Rio de Janeiro, distribuídos igualmente entre “idosos” (faixa etária de 65 a 80 anos), que viveram a década de 1950 quando eram jovens, “adultos” (de 40 a 55 anos), que nasceram ao final dos anos 1950, mas deles podem ter recebido “ecos” no ambiente familiar, e “jovens” (de 15 a 30 anos), que só conhecem os fatos dos Anos Dourados pela educação formal e pela mídia. As três amostras foram subdivididas igualmente entre os sexos e entre os níveis de escolaridade fundamental, médio e superior.

Os dados foram coletados por meio da aplicação assistida de um questionário padronizado, com 42 perguntas, das quais 15 se referiam aos quatro aspectos dos Anos Dourados focalizados neste artigo: Fusca, Copa do Mundo, Bossa Nova e Miss Brasil.

A análise dos dados consistiu, após a categorização das respostas às perguntas abertas, num tratamento estatístico descritivo de distribuição de frequências, envolvendo a comparação entre os três conjuntos etários e, em cada um deles, entre os subconjuntos de diferentes níveis de escolaridade e orientações políticas.

Resultados e discussão

Os resultados apresentados e discutidos a seguir contemplam as memórias manifestadas pelas distintas coortes geracionais em relação a cada um dos quatro ícones populares dos Anos Dourados. Por carência de espaço, não são abordadas as comparações entre os níveis de escolaridade e as orientações políticas, as quais, de resto, no que se refere a esses aspectos, mostraram-se pouco significativas.

A indústria automobilística foi objeto de grandes investimentos por parte do governo de Juscelino Kubitschek e experimentou avanços expressivos. Com isso, em 1956, surgiu o primeiro carro de fabricação brasileira, o Romi-Isetta, que seria produzido até 1961. Já o automóvel mais famoso desse período, fabricado pela Volkswagen e apelidado de “Fusca”, teve seu primeiro exemplar brasileiro lançado em 1959.

A história do Fusca é marcada por acontecimentos incomuns. Envolve o incentivo de Hitler para colocar em prática sua política de um “carro do povo”, acessível aos trabalhadores da Alemanha.

O Fusca foi produzido, no Brasil, por 25 anos ininterruptos, de 1959 a 1984. Em 1993, por sugestão do então presidente da República, Itamar Franco, sua fabricação foi retomada. No entanto, em 1996, o Fusca novamente deixaria de ser produzido. Outros automóveis produzidos no Brasil durante os anos 1950 foram o DKW, a partir de 1958, e o Simca Chambord, a partir de 1959. Ambos tiveram sua produção interrompida em 1967.

Por meio de um estudo exploratório prévio, verificou-se que as pessoas se lembravam de que esses automóveis haviam sido fabricados no Brasil nos anos 1950, mas citavam

ainda outros, como o Gurgel e o Gordini, que tiveram sua produção iniciada na década de 1960. A partir disso, incluiu-se no questionário uma pergunta em que se pedia aos participantes que julgassem qual desses seis modelos tinha mais a “cara” ou o “jeito” dos Anos Dourados. A Tabela 1 mostra a distribuição dos julgamentos entre jovens, adultos e idosos.

Tabela 1. Distribuição de frequências por faixa etária quanto ao automóvel que teria mais a “cara” ou o “jeito” dos Anos Dourados. N = 450. Rio de Janeiro, 2008

	Jovens		Adultos		Idosos		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%
DKW	12	8	31	20,7	10	6,7	53	11,8
Fusca	88	58,7	76	50,7	108	72	272	60,4
Gordini	8	5,3	6	4	5	3,3	19	4,2
Gurgel	9	6	4	2,7	1	0,7	14	3,1
Romi-Isetta	6	4	3	2	6	4	15	3,3
Simca Chambord	5	3,3	19	12,7	11	7,3	35	7,8
Não responderam	22	14,7	11	7,3	9	6	42	9,3
Total	150	100	150	100	150	100	450	100

Como se pode observar na Tabela 1, os resultados mostram a preferência absoluta pelo Fusca. Em um segundo e um terceiro lugares distantes, vêm, respectivamente, o DKW e o Simca Chambord. Talvez a fama mantida pelo carro da Volkswagen até os dias de hoje, em boa parte alimentada pela mídia, possa explicar o fato de ele ter sido preferido pelos jovens, mesmo sem estes saberem ao certo se o Fusca havia sido produzido no Brasil durante os Anos Dourados, como mostra outro resultado da pesquisa. Já os idosos, que eram jovens nos anos 1950, testemunharam o festejado lançamento do primeiro modelo do Fusca e acompanharam, ano a ano, as pequenas alterações e acréscimo de detalhes que ele foi recebendo. Nítidas memórias pessoais se somaram, pois, à memória coletiva histórica da indústria automobilística no país para produzir mais de 70% das preferências por parte dessa coorte geracional.

Constata-se ainda que o percentual de escolha do Fusca pelos adultos é bastante inferior àquele altamente favorável exibido pelos idosos e menor mesmo do que o dos jovens. Isso quer dizer que, para os adultos, o Fusca continua sendo o modelo de automóvel mais representativo dos Anos Dourados, mas de forma menos convicta do que para os idosos. A geração dos adultos viveu sua juventude entre o final dos anos 1960 e meados da década de 1970, quando, em face da maior variedade de automóveis brasileiros então

disponíveis, o Fusca não era mais uma novidade, embora continuasse a ser um dos carros mais vendidos. Por conta disso, ao serem indagados sobre qual modelo tinha mais a cara dos anos 1950, provavelmente procuraram, em seus conhecimentos daquele passado, as marcas que haviam surgido na mesma ocasião e dividiram a escolha do Fusca com as do DKW e do Simca Chambord.

Indagava-se ainda aos participantes a que razões eles atribuíam o sucesso do Fusca, mesmo sendo ele um carro tão diferente de todos os outros. O fato de o veículo da Volkswagen ser “barato e econômico” foi citado em 40,1% das respostas dadas. Mas não foi apenas esse fator que contribuiu para a sua popularidade, pois 25,3% das respostas apontavam que ele era um carro “forte e de qualidade”. A questão estética também foi bastante mencionada, com 20,3% do total das respostas destacando que o sucesso do Fusca se deu por ele ter sido um carro “bonito, agradável e prático”. Outras razões foram ainda citadas, como o fato de ele ter sido, supostamente, um “carro brasileiro”, mas de forma menos frequente.

Finalmente, perguntou-se aos participantes como eles se sentiam em relação ao Fusca numa escala de cinco níveis, que ia de “adorava” a “detestava”. Os resultados da questão são mostrados na Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição de frequências por faixa etária referente aos posicionamentos afetivos em relação ao Fusca. N = 450. Rio de Janeiro, 2008

	Jovens		Adultos		Idosos		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Adorava	6	4	15	10	18	12	39	8,7
Gostava	55	36,7	89	59,3	104	69,3	248	55,1
Não gostava nem desgostava	55	36,7	30	20	20	13,3	105	23,3
Não gostava	25	16,7	13	8,7	6	4	44	9,8
Detestava	9	6	3	2	2	1,3	14	3,1
Total	150	100	150	100	150	100	450	100

O que se percebe, na Tabela 2, é que 63,8% dos participantes da pesquisa adoravam ou gostavam do carro, enquanto apenas 12,9% não gostavam ou o detestavam. Essa diferença entre os que gostavam e os que não gostavam do carro da Volkswagen vê-se atenuada entre os participantes jovens, dos quais 22,7% disseram não gostar ou detestar o Fusca, posicionando-se assim de forma bem mais negativa do que os adultos (10,7%) e os idosos (5,3%). Talvez o que explique esse resultado seja o fato de o Fusca não ter feito parte da memória pessoal desses participantes, já que, desde 1985, começou a ser reduzido o número desses veículos a circular pelas ruas e estradas.

Nesse mesmo sentido, observa-se um decréscimo gradativo das respostas “adorava/gostava”, que vai dos idosos (81,3%), passando pelos adultos (69,3%), até os jovens (40,7%). Esses resultados indicam que o Fusca ainda é muito lembrado e querido pelas pessoas, mas vem perdendo aos poucos o seu lugar na memória afetiva das gerações mais recentes, ante a produção e oferta de novos e mais modernos modelos.

Nos anos 1950, foram realizadas três Copas do Mundo, em 1950, 1954 e 1958. Mesmo após os dois fracassos de 1950 e 1954, o Brasil compareceu à Copa de 1958 como o único país a estar presente em todos os mundiais disputados até então. Nesse campeonato, o mundo conheceu dois gênios do futebol e uma seleção imbatível. Com Garrincha, o “anjo de pernas tortas”, conforme o definiu Vinicius de Moraes, e Pelé, considerado o maior jogador de futebol de todos os tempos, a seleção brasileira derrotou os anfitriões suecos por 5 a 2 e conquistou seu primeiro título de campeão da Copa do Mundo de Futebol.

Dois perguntas do questionário buscavam identificar os jogadores daquela seleção que conquistaram maior preeminência na construção da memória do futebol de 50 anos atrás.

Nas respostas à primeira dessas questões, constata-se que os seis jogadores mais lembrados pelos sujeitos, representando um total de 84,3% das respostas, correspondem àqueles que fizeram parte da seleção de 1958, entre os quais estão Pelé (36,2%), Garrincha (29,1%), Didi (7,1%) e Zagallo (4,7%). Entretanto, foram ainda citados jogadores das Copas de 1962 e 1970, ocasiões nas quais o Brasil também foi campeão, e que, por isso mesmo, também se tornaram muito queridos do público aficionado pelo futebol. Vale ainda ressaltar que os idolatrados Pelé e Garrincha, juntos, receberam quase dois terços das lembranças dos participantes.

Garrincha, o maior driblador da história do futebol, encantava com seu jogo alegre e criativo, mas se desgastou precocemente, por causa do consumo excessivo de álcool e de outros problemas, e faleceu aos 50 anos de idade. Pelé, eleito, em 1999, pelo Comitê Olímpico Internacional o “Atleta do século XX”, marcou mais de mil gols em partidas de futebol e, mesmo depois de terminada a sua carreira, ainda é uma das pessoas mais conhecidas e reconhecidas do mundo.

Nesta pesquisa, a justa hegemonia da dupla Garrincha e Pelé foi objeto de uma segunda questão, de caráter comparativo, ou seja, indagava-se aos entrevistados qual dos dois, na opinião deles, teria sido o melhor jogador daquela época. Garrincha foi apontado como o melhor jogador dos Anos Dourados por 47,3% dos participantes, enquanto 41,1% escolheram Pelé. Ainda nessa questão, 8,5% consideraram que os dois “foram iguais” e 3,1% não souberam dizer qual deles teria sido o melhor.

Cabe observar que tais resultados foram obtidos no Rio de Janeiro, onde Garrincha fez toda a sua carreira, jogando no Botafogo, um dos clubes mais prestigiosos de então. O futebol não é apenas uma paixão nacional, mas também regional ou bairrista, o que pode, por certo, influir nos julgamentos e na construção das memórias coletivas.

Além disso, na amostra dos participantes jovens, Pelé ficou com 48% das preferências e Garrincha com 40,7%, posicionando-se de forma diferente dos idosos e adultos. A construção dessa memória pode ter recebido o aporte do destaque midiático dado a Pelé durante meio século, alcançando não apenas o período de constituição da identidade

geracional dos jovens, mas também hoje, em 2010, quando o seu aniversário de 70 anos foi assunto da TV e de diversos jornais e revistas.

Nos Anos Dourados, diferentes gêneros musicais – como o bolero, o samba, a marchinha e o baião – eram muito cantados e dançados nos bailes e nas festas, cuja lembrança contribui bastante para a representação do período como uma época alegre, feliz e de *glamour*. Foi no final dos anos 1950 que a Bossa Nova e o *rock’n roll* entraram na composição da música popular brasileira.

De fato, a Bossa Nova teve seu lançamento “oficial” em 1958, com o lançamento do disco *Canção do amor demais*, reunindo músicas de Tom Jobim e letras de Vinicius de Moraes, interpretadas por Elizete Cardoso, acompanhada por João Gilberto ao violão. O *rock* foi outro estilo musical que marcou época no mundo inteiro e no Brasil, principalmente a partir de 1956, quando surgiu o “fenômeno Elvis Presley”. O sucesso mundial do *rock* influenciou cantores e compositores brasileiros, fazendo surgir a chamada Jovem Guarda, que viria a conquistar o país na década de 1960.

A memória do advento desses dois gêneros na música popular brasileira foi investigada, na presente pesquisa, por meio de um pedido aos participantes: eles deveriam indicar os tipos de música surgidos nos anos 1950. A Bossa Nova recebeu 35,7% das respostas dos entrevistados, seguida por *rock* (26,3%), marchinha (16,4%), bolero (9,4%), samba (8%) e baião (3,1%). Apenas 0,8% não se recordou de nenhum tipo de música.

Foi pedido, em seguida, aos entrevistados que apontassem qual desses tipos de música tinha mais a “cara” ou o “jeito” dos Anos Dourados no Brasil. Como mostra a Tabela 3, pouco mais da metade dos participantes elegeu a Bossa Nova, que foi seguida pelo *rock*, escolhido por pouco mais de um quarto deles.

Tabela 3. Distribuição de frequências por faixa etária referente ao gênero de música que teria mais a “cara” ou o “jeito” dos Anos Dourados no Brasil. N = 450. Rio de Janeiro, 2008

	Jovens		Adultos		Idosos		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Baião	0	0	0	0	1	0,7	1	0,2
Bolero	9	6	13	8,7	14	9,3	36	8
Bossa Nova	64	42,7	88	58,7	72	48	224	49,8
Marchinha	10	6,7	15	10	7	4,7	32	7,1
Rock	56	37,3	29	19,3	40	26,7	125	27,8
Samba	4	2,7	5	3,3	10	6,7	19	4,2
Não lembra	7	4,7	0	0	6	4	13	2,9
Total	150	100	150	100	150	100	450	100

Nos resultados comparativos da Tabela 3, parece bem evidente o princípio que concebe a memória não como uma reprodução exata do passado, mas sim como o resultado de um processo de construção social subsequente. De fato, o gênero musical predominante nos bailes, como os de formatura ou debutantes, responsáveis pelo *glamour* dos anos 1950, era o bolero, enquanto, nos bailes de carnaval, predominava a marchinha e, nas festas populares em geral, samba e baião. A Bossa Nova, por seu turno, que não se fazia presente em tais eventos, pode ser mais bem entendida como uma decorrência daquele período, retratando, na composição de suas músicas, a criatividade e a ousadia dos Anos Dourados brasileiros, e, em suas letras, a felicidade, o otimismo e a relativa ingenuidade que os caracterizavam. A Bossa Nova foi criada à imagem e semelhança dos Anos Dourados e, assim, se tornou um dos mais importantes símbolos na construção da sua memória. É, inclusive, interessante notar que o maior percentual de escolha da Bossa Nova se deu na geração dos adultos, que não viveu nos anos 1950, mas foi grandemente afetada pelas suas repercussões.

Por sua vez, o *rock* parece continuar a ser uma marca da juventude, tendo talvez passado da geração anterior para a dos jovens quando aquela se tornou adulta e o substituiu pela Bossa Nova na construção da sua memória dos anos 1950. De fato, foram os jovens de hoje, em comparação com os adultos e idosos, que apresentaram o maior percentual de escolha do *rock* como tendo mais a “cara” dos Anos Dourados no Brasil.

Quanto à lembrança dos compositores e/ou intérpretes da Bossa Nova, a grande maioria dos entrevistados (73,6%) declarou se lembrar do nome de pelo menos um deles. Aqueles citados com maior frequência eram de fato grandes representantes do gênero – Tom Jobim (28,7%), Vinicius de Moraes (16,4%) e João Gilberto (11,3%) –, mas, além de outros menos votados – Nara Leão, Toquinho e Carlinhos Lyra –, algumas lembranças incidiram sobre autores como Chico Buarque e representantes da Jovem Guarda e da Tropicália. Já quanto às músicas de Bossa Nova de maior sucesso, metade dos participantes disse se lembrar de alguma delas, citando principalmente aquelas bem marcantes – “Garota de Ipanema” (35,4%), “hino” da Bossa Nova mundialmente conhecido, “O barquinho” (8,8%) e “Chega de saudade” (8,5%) –, mas incluindo também, como no caso dos compositores, composições que não se enquadram nesse gênero musical. A Bossa Nova que se encontra na memória das pessoas, cinquenta anos após o seu advento, é também uma construção social, pela qual elementos estranhos à sua caracterização inicial são acrescentados periféricamente a um núcleo mais permanente que assegura a sua identidade básica.

Finalmente, perguntou-se aos participantes como eles se posicionavam afetivamente em relação à Bossa Nova numa escala de cinco níveis, que ia de “adorava” a “detestava”. Os resultados da questão são mostrados na Tabela 4.

A Tabela 4 mostra que 66,3% dos participantes da pesquisa dizem adorar a Bossa Nova ou gostar dela, enquanto apenas 7,6% não gostam dela ou a detestam. Confirmando o princípio teórico da estreita relação entre memória e afetividade, observa-se que os adultos, que mais associaram os Anos Dourados à Bossa Nova como tendo a sua “cara”, são também os que mais gostam dela (78,6%), seguidos de perto pelos idosos (72,7%), mas de forma bastante discrepante em relação aos jovens (47,3%).

Tabela 4. Distribuição de frequências por faixa etária referente aos posicionamentos afetivos em relação à Bossa Nova. N = 450. Rio de Janeiro, 2008

	Jovens		Adultos		Idosos		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Adora	5	3,3	17	11,3	12	8	34	7,6
Gosta	66	44	101	67,3	97	64,7	264	58,7
Não gosta nem desgosta	67	44,7	23	15,3	28	18,7	118	26,2
Não gosta	11	7,3	9	6	11	7,3	31	6,9
Detesta	1	0,7	0	0	2	1,3	3	0,7
Total	150	100	150	100	150	100	450	100

Para os jovens, portanto, a Bossa Nova parece não ter tanto impacto como tem para os adultos e idosos. Embora a reconheçam como um estilo musical que marcou a época, a sua relação com a Bossa Nova é muito mais descritiva, não tendo a mesma afetividade presente nas memórias dos adultos e idosos. Tal indiferença é evidente no percentual que os jovens exibiram de respostas neutras “não gosto nem desgosto” (44,7%), nitidamente superior àqueles encontrados entre os idosos (18,7%) e entre os adultos (15,3%).

Os concursos de Miss Brasil e Miss Universo eram eventos socialmente muito importantes e prestigiados durante os Anos Dourados. O concurso oficial de Miss Universo teve início em 1952, na Califórnia, nos Estados Unidos, para promover uma marca de maiô. O Brasil começou a dele participar em 1954, quando sua representante, Martha Rocha, se classificou em segundo lugar. A partir de 1955, os Diários e Emissoras Associados assumiram a promoção do concurso, tornando-o uma das maiores festas dos Anos Dourados, com transmissão pela TV Tupi. No período de 1958 a 1972, o ginásio “Maracanãzinho” chegava a receber 30 mil pessoas para assistir à eleição. Aos poucos, entretanto, o concurso foi perdendo o interesse das pessoas, deixando de ser transmitido pela TV no início dos anos 1990. Embora tenham voltado a ser transmitidos a partir de 2002, os concursos de miss atualmente não têm mais o mesmo charme e a mesma audiência entusiasmada que tinham nos anos 1950.

Na presente pesquisa, ao serem indagados sobre a existência dos concursos de miss nos Anos Dourados, 61,1% dos participantes declararam se lembrar deles e 38,9% não se lembraram. A lembrança foi bem maior entre os idosos (76%) que viveram naquela época, do que entre os adultos (59,3%) e entre os jovens (48%). De qualquer modo, dentre os entrevistados que mantinham tais concursos na sua memória dos Anos Dourados, 95,6% consideraram que eles tinham sido mais importantes então do que o são hoje em dia.

Aos entrevistados que se lembravam dos concursos, foi perguntado, em seguida, se eles podiam citar os nomes de algumas das Misses Brasil dos anos 1950. Dentre os 75,7% que disseram se lembrar de nome de alguma Miss Brasil, 44,4% citaram a brasileira mais famosa na história dos concursos de miss, Martha Rocha. Miss Brasil em 1954, ela deixou de ganhar o título de Miss Universo por ter nos quadris “duas polegadas a mais”, segundo os padrões do concurso, decorrendo dessa “injustiça” nacionalmente sentida o seu duradouro prestígio como Miss Brasil. Os nomes mais lembrados a seguir foram os de Adalgisa Colombo, Miss Brasil em 1958, e de Vera Fischer, que não foi miss durante os Anos Dourados, mas sim em 1969.

Faz-se ainda presente neste tópico um tipo de regularidade encontrado também em outras partes da pesquisa, que bem ilustra as diferenças entre as memórias geracionais. Trata-se da construção da memória a partir do testemunho pessoal e do “ouvir falar” na ocasião mesma de ocorrência dos fatos em contraposição à construção da memória a partir de informações recebidas nos grupos de pertença, na escola ou da mídia, sobre um passado de tão mais difícil localização quanto mais remoto ele seja. Assim, quanto a Martha Rocha, há uma redução gradativa na lembrança do seu nome, que vai dos idosos (50%) para os adultos (42,3%) e destes para os jovens (36,1%), o que acontece também em relação a Adalgisa Colombo. Já no caso de Vera Fischer, que se tornou atriz e permanece até hoje presente em cena e na mídia, observa-se um aumento gradativo da sua incorporação à memória na mesma direção dos idosos (4,2%) para os adultos (8,9%) e destes para os jovens (14,5%).

Considerações finais

O Fusca, a Copa do Mundo de 1958, a Bossa Nova e os concursos de Miss Brasil constituem marcos simbólicos importantes dos Anos Dourados. Apenas a geração mais antiga os testemunhou de fato, mas as gerações mais recentes também os conheceram, embora de outras formas. Nesse sentido, a memória social contemporânea acerca daquela época é entendida como o resultado de uma construção que tem como matéria-prima tanto as lembranças quanto os conhecimentos dos três conjuntos geracionais pesquisados.

O principal resultado da presente pesquisa refere-se justamente ao fato de os participantes das três gerações se lembrarem dos eventos aqui mencionados ou guardarem informações relevantes sobre os quatro marcos populares dos Anos Dourados. Outro resultado importante está relacionado ao fato de que diferentes processos de construção social da memória ocorrem nestas três gerações, o que acarreta ativações de lembranças e conhecimentos distintos acerca dos Anos Dourados.

Entre os princípios teóricos de construção da memória, dois se destacam na interpretação das diferenças entre as três distintas memórias geracionais. De fato, mormente em relação às memórias da Copa do Mundo e das Misses Brasil, várias das diferenças se devem ao fato de que as gerações mais antigas testemunharam esses eventos ou deles tiveram informações por ocasião da sua ocorrência, enquanto as gerações mais recentes deles apenas receberam os “ecos” produzidos pela mídia. Em relação às memórias do Fusca e da Bossa Nova, um fator muito importante para a produção das diferenças foi o posicionamento afetivo que as acompanhou em cada um dos estratos geracionais.

Finalmente, é bastante provável que as memórias manifestadas pelos jovens e adultos tenham se constituído principalmente de memórias comuns, resultantes da sua exposição às mesmas informações, proporcionadas pela mídia e educação formal. Já as respostas dos idosos podem ter tido origem também em memórias pessoais, referidas a experiências próprias – com o Fusca e a Copa de 1958, por exemplo –, e em memórias coletivas, ou seja, construídas no seio dos grupos familiares ou de pares. Pela proximidade temporal que guardam entre si, é possível ainda que a geração dos idosos tenha transmitido à dos adultos algumas das memórias coletivas que construiu.

ON THE SOCIAL MEMORY OF THE “GOLDEN YEARS”: BEETLE, WORLD CUP, BOSSA NOVA AND MISS BRAZIL

Abstract: This article discusses a research about social memory of the 50's, known as the “Golden Years”, which focused specifically on: the launching of the Beetle, Volkswagen's first model made in the country, the first World Cup won by Brazil, the advent of Bossa Nova, and the Competitions of Miss Brazil. The theoretical background consists of a psychosocial perspective on memory involving the joint of psychological, sociological and historical contributions. Data collection was performed by administering a questionnaire to 450 residents of Rio de Janeiro, distributed among three age groups: elderly, adults and youth. In data analysis the frequencies of responses produced by the three groups of participants for each question were compared. Results demonstrate important differences between the memories of the distinct generational groups, which are satisfactorily explained by theoretical principles about the social construction of memory.

Keywords: social memory; collective memory; history; Brazilian popular music; practices.

SOBRE LA MEMORIA SOCIAL DE LOS “AÑOS DORADOS”: FUSCA, COPA DEL MUNDO, BOSSA NOVA Y MISS BRASIL

Resumen: El presente artículo se refiere a una investigación sobre la memoria social de los años 1950, conocidos como los “Años Dorados”, en la cual se focalizan específicamente: el lanzamiento del Fusca, primer modelo de la fábrica Volkswagen en el país; la primera Copa del Mundo conquistada por Brasil; el surgimiento de la Bossa Nova; y los concursos de Miss Brasil. La fundamentación teórica consiste en una perspectiva psicosocial de la memoria que considera la articulación de contribuciones psicológicas, sociológicas e históricas. La recolección de los datos fue realizada a través de la aplicación de un cuestionario a 450 habitantes de Rio de Janeiro, distribuidos en tres grupos etarios: adultos mayores, adultos y jóvenes. En el análisis de los datos fueron comparadas las frecuencias de las respuestas producidas por los tres grupos de participantes para cada una de las cuestiones. Los resultados evidencian importantes diferencias entre las memorias de los distintos grupos generacionales, los cuales son satisfactoriamente explicados por los principios teóricos sobre la construcción social de la memoria.

Palabras clave: memoria social; memoria colectiva; historia; música popular brasileña; prácticas.

Referências

BARTLETT, F. C. **Remembering: a study in experimental and social psychology.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam.** Oeiras: Celta, 1993.

CONWAY, M. A. Autobiographical knowledge and autobiographical memories. In: RUBIN, D. C. (Org.). **Remembering our past: studies in autobiographical memory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 67-93.

FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **Memória social**. Lisboa: Teorema, 1992.

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Albin Michel, 1994.

_____. **La mémoire collective**. Paris: Albin Michel, 1997.

HOBBSAWM, E. **A era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

JEDLOWSKI, P. La sociología y la memoria colectiva. In: ROSA, A.; BELLELLI, G.; BAKHURST, D. (Org.). **Memoria colectiva e identidad nacional**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000. p. 123-34.

_____. Memory and sociology: themes and issues. **Time & Society**, v. 10, n. 1, p. 29-44, 2001.

JODELET, D. Mémoire de masse: le côté moral et affectif de l'histoire. **Bulletin de Psychologie**, v. XLV, n. 405, p. 239-256, 1992.

LE GOFF, J. **Histoire et mémoire**. Paris: Gallimard, 1988.

NAMER, G. **Mémoire et société**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.

_____. **Halbwachs et la mémoire sociale**. Paris: L'Harmattan, 2000.

NEISSER, U. **Memory observed: remembering in natural contexts**. New York: W. H. Freeman, 1996.

NORA, P. L'ère de la commémoration. In: NORA, P. (Org.). **Les lieux de mémoire: les France**. Paris: Gallimard, 1992. p. 975-1012.

PENNEBAKER, J. W.; BASANICK, B. Creación y mantenimiento de memorias colectivas. In: PÁEZ, D. et al. (Org.). **Memorias colectivas de procesos culturales y políticos**. Bilbao: Universidad del País Vasco, 1998. p. 31-47.

RICOEUR, P. Passé, mémoire et oubli. In: VERLHAC, M. (Org.). **Histoire et mémoire**. Grenoble: Académie de Grenoble, 1998. p. 31-45.

SÁ, C. P. As memórias da memória social. In: _____. (Org.). **Memória, imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 63-86.

_____. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: reflexão & crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 290-295, 2007a.

_____. Psicologia social da memória: sobre memórias históricas e memórias geracionais. In: VILELA, A. M. J.; SATO, L. (Org.). **Diálogos em psicologia social**. Porto Alegre: Evangraf, 2007b. p. 53-61.

_____. Les défis d'une psychologie sociale de la mémoire. In: MADIOT, B.; LAGE, E.; ARRUDA, A. (Org.). **Une approche engagée en psychologie sociale: l'oeuvre de Denise Jodelet**. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2008. p. 173-178.

SÁ, C. P. A memória histórica numa perspectiva psicossocial. **Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, n. 14, p. 91-100, 2009.

_____. O “making of” numa perspectiva psicossocial no estudo da memória. In: MARGALHÃES, L. D. R.; LOMBARD, J. C. (Org.). **História, memória e educação**. Campinas: Alínea, 2011.

SÁ, C. P.; VALA, J. Representaciones sociales del pasado: los “descubrimientos” de América y de Brasil. In: ROSA, A.; BELLELLI, G.; BAKHURST, D. (Org.). **Memoria colectiva e identidad nacional**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000. p. 429-449.

SÁ, C. P. et al. A memória histórica do regime militar em três gerações: conteúdos factuais e juízos críticos. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 36-51, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872008000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 jun. 2011.

Contato

Aline Passeri Dias

e-mail: alinepasseri@hotmail.com

Tramitação

Recebido em outubro de 2010

Aceito em maio de 2011